

# INTERCÂMBIO DE CURSOS EM EAD: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE RECONTEXTUALIZAÇÃO

TCC5066

02/2006

Maria da Graça Moreira da Silva  
Senac SP e PUC-SP [graca-moreira@uol.com.br](mailto:graca-moreira@uol.com.br)

Maria Elisabette Brisola Brito Prado  
PUC-SP [beprado@terra.com.br](mailto:beprado@terra.com.br)

Mariza Mendes  
PUC-SP [mara.vir@terra.com.br](mailto:mara.vir@terra.com.br)

Categoria - Métodos e Tecnologias  
Setor Educacional - Educação Continuada em Geral  
Natureza do Trabalho - Descrição de Projeto em Andamento  
Classe – Experiência inovadora

## Resumo

*Este trabalho apresenta a experiência da construção da parceria entre a Universidade Simon Fraser (USF) do Canadá, o Senac SP e a empresa TELESstraining, no oferecimento do curso de extensão acadêmica denominado Certificação em Educação Virtual. O aprendizado no intercâmbio de objetos de aprendizagem, disciplinas e até materiais instrucionais para cursos inteiros apresenta-se como um grande desafio pedagógico às instituições e, por outro lado, apresenta excelentes oportunidades para o aprendizado inter-institucional. Um dos grandes desafios no oferecimento de cursos desenvolvidos por outras instituições e de diferentes culturas é a adequação dos mesmos à realidade brasileira, conservando as características da autoria e respeitando a abordagem pedagógica e as estratégias de aprendizagem da equipe pedagógica, recontextualizando e reconstruindo novos currículos.*

Palavras chave – **educação a distância, recontextualização de materiais, objetos de aprendizagem.**

## Introdução

Nas últimas décadas do século XX, assistimos a um acentuado movimento de mudanças nas organizações sociais, conseqüente e

interdependente dos movimentos de mudanças políticas, econômicas, científicas e culturais. Esse movimento impulsionou e foi impulsionado, de um lado, pelos avanços das pesquisas, das descobertas e do desenvolvimento dos mais sofisticados meios tecnológicos de informação e comunicação e, de outro, pelas complexas inter-relações do mercado internacional, cada dia mais globalizado.

Nessa trajetória, a educação em todos os níveis – desde o ensino fundamental até o curso de pós-graduação – não tem sido alheia aos movimentos de mudanças, ao desenvolvimento científico-tecnológico nem aos movimentos sociais, políticos e econômicos em curso.

Durante muitos anos, acreditou-se que a escola fosse um lugar protegido, neutro, distante das manifestações sociais transformadoras, por imaginá-la um lugar inócuo, como se fosse possível concebê-la sem a sua história, sem suas inter-relações com a cultura ou com a realidade. As Universidades, muitas vezes consideradas como um mundo isolado, são “... um dos principais agentes de difusão de inovações sociais porque gerações após gerações de jovens que por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habitam com elas.” (Castells, 1999. p.380).

Atualmente, é inquestionável que o advento da Internet venha possibilitando a ampliação e a rapidez no acesso à informação, com opções de pesquisas a banco de dados nacionais e mundiais; navegação por páginas sobre temas diferenciados, publicadas por empresas, instituições de ensino, pesquisadores e usuários em geral; notícias atualizadas em tempo real; o acesso a lazer e ao entretenimento, com opções de vídeo e áudio pela Internet, jogos; o comércio eletrônico, viabilizando transações financeiras; o desenvolvimento social – com o *web* ativismo, governo eletrônico e muitos outros serviços. A conexão expressa-se também pelos serviços de correio eletrônico, pela comunicação instantânea, pelas conferências pelo computador, dentre outras construídas a cada dia. O acesso à informação, ou ainda, à conexão, é, atualmente, uma definição de característica de vida.

Não só o acesso à informação, mas também as tecnologias da informação e comunicação contribuem para “a formação de comunidades de aprendizagem que privilegiam a construção do conhecimento, a comunicação, a formação continuada, a gestão administrativa, pedagógica e de informações.” (Almeida, M., 2002. p.42) e também permitem a incorporação de novos ambientes de aprendizagem, além dos muros das escolas e das limitações das grades curriculares. A produção científica também é impactada e ignorar suas conseqüências no fazer pedagógico é crer em sua neutralidade.

Em diferentes graus, as instituições de ensino estão diante de novos desafios, provocados tanto pelos avanços tecnológicos como pelas conseqüentes demandas que trazem em seu bojo. A educação superior, notadamente, a brasileira, tem incorporado gradualmente as tecnologias e outros agentes que compõem seu cenário atual e acenam para cenários futuros.

O uso das tecnologias da informação e comunicação pode imprimir na educação tanto a “modernização” como a “mudança” (Almeida, F., 2003): A modernização está relacionada com a implantação de infra-estrutura tecnológica, como redes de computadores, laboratórios de informática, acesso à Internet, bem como com a disponibilização de recursos multimídia para os alunos e professores.

A mudança pedagógica está proximamente relacionada com raízes mais profundas na educação e na emergência de novos paradigmas educacionais. No entanto, “... não se pode esperar que as tecnologias da informação e comunicação funcionem como catalisadores dessa mudança, uma vez que não basta o rápido acesso a informações atualizadas continuamente nem somente adotar novos métodos e estratégias de ensino e de gestão.” (Almeida, M., 2002. p.41).

A educação brasileira é desafiada também a ultrapassar a lógica da exclusão social, cujo mapa das desigualdades sobrepõe-se ao da exclusão digital, da pobreza e da violência. Buscam-se oportunidades de acesso e permanência aos espaços do ensino e a utilização de tecnologias da informação e da comunicação.

Sob essa ótica, as instituições de ensino, para fazer frente às novas demandas e à formação de profissionais qualificados para uma nova e competitiva entrada no mercado de trabalho, cada vez mais seletivo e excludente, necessitam operar e já operam diversas adequações. Algumas, já em andamento, podem ser observadas nas flexibilizações “grades curriculares” dos cursos já existentes e na criação dos novos cursos, esses mais alinhados às novas ocupações emergentes no mercado. Esses cursos, bem como a educação a distância, têm sido vistos como formas alternativas de diversificar o acesso ao ensino.

Os países passam a ser classificados mundialmente pela possibilidade de geração e de distribuição de conhecimentos e pela gestão do conhecimento, produzido numa nova lógica de serviços ao capital e à indústria.

As conseqüências dessa revolução que está se iniciando, segundo Levine (2003), serão notadas no cenário descrito pelo autor (adaptação livre):

- as universidades serão cada dia mais numerosas e diversificadas, isto é, com alunos com diferentes demandas e egressos de diferentes culturas;
- a educação será considerada uma mercadoria, e novas empresas educacionais e novas hierarquias podem surgir no mercado educacional, apresentando diferenças em relação às instituições atuais;
- a educação superior tornar-se-á mais individualizada, segundo as demandas dos alunos, e os estudantes farão suas próprias agendas, selecionando sua própria trajetória acadêmica;
- o foco da educação será mais centrado na aprendizagem do que no ensino;

- as instituições de ensino poderão trocar ou comercializar materiais educacionais utilizados em seus cursos;
- a duração dos cursos não será tão importante quanto a capacidade da instituição em promover situações de aprendizagens significativas;
- os certificados perderão a importância uma vez que a valorização do aluno será focada nas suas habilidades e competências; os alunos terão um passaporte educacional, no qual ficará gravado seu portfólio, com toda sua história e trajetória acadêmica.

Para que isso ocorra serão necessárias novas abordagens de organizar e de distribuir a educação, visto que é nas inter-relações das instituições de ensino que se tem o lócus privilegiado das manifestações culturais, da construção coletiva e das articulações dos saberes, bem como o espaço para a crítica.

Ao considerar a educação como uma mercadoria, uma *commoditie*, o processo de ensino e aprendizagem pode chegar a ser reduzido a uma transação comercial, abrindo espaços para a sua comercialização, favorecendo a multiplicação de interesses que não refletem a preocupação com a educação de qualidade, com a inclusão social e cultural.

O intercâmbio de materiais educacionais entre as instituições já é uma realidade, o que por um lado possibilita o intercâmbio entre diferentes culturas por outro lado é necessário que essa utilização não se dê de forma ingênua e distante da identidade com os aspectos educacionais e culturais das diferentes realidades. Pode ser um agente para a modernização do ensino ou um agente que favoreça a mudança educacional.

*“A mudança da qual falamos é aquela que altera os rumos da sociedade, via, educação. O que é a nova sociedade? Com participação democrática nas decisões políticas. Com justa distribuição de renda. Com oportunidade de trabalho digno para todos. Com equidade na fruição e produção da cultura., Com liberdade de expressão e acesso à educação e saúde etc.”* (Almeida, F., 2003, p.2)

Renova-se, a cada dia, a discussão sobre a mudança educacional e não se contesta a necessidade de mudanças e de novos paradigmas. A polifonia das discussões em torno dos rumos, do alcance, da sua penetração e da sua estrutura é mais do que instigante, ela é convergente. Portanto, é necessário tomar as perspectivas, a partir de múltiplos olhares para compreendê-la.

*“No bojo dessas discussões, planos e proposições, emerge a necessidade de a universidade enfrentar o desafio da educação a distância – EaD como o uso das TI. Não se trata de substituir a educação presencial pela virtual, mas de analisar as potencialidades de cada uma dessas modalidades e as possibilidades de criar uma dinâmica que as articule em um processo colaborativo... há necessidade de que as universidades propiciem o desenvolvimento de propostas inovadoras, assumindo uma postura de abertura e flexibilidade em relação a projetos criativos, ousados e desafiadores.”* (Almeida,

M., 2001. p.21).

Propostas inovadoras, conforme aponta Almeida, estão também neste momento, relacionadas à incorporação das tecnologias da informação e comunicação na educação – presencial ou a distância, e essa incorporação só se dinamiza por meio da apreensão dessas pelos docentes. No entanto, essa apreensão não se dá de imediato, ao simples contato, sem o entendimento de seu significado, seu alcance, suas potencialidades e limitações. Ela se dá por meio de processos de capacitação no contexto que se mesclam com a reflexão sobre os paradigmas e os temas emergentes da educação.

A discussão sobre novos currículos torna-se fundamental neste cenário, pois de nada adianta trocar a roupagem de velhas práticas. Portanto, a inserção das tecnologias da informação e comunicação – presencial ou a distância - é entendida em conjunto com novas oportunidades para repensar-se em novos currículos e, ao mesmo tempo, redesenhá-los, e mais, traduzir novas práticas à luz da discussão de novas aprendizagens.

Downes (2001) parte da premissa de que as instituições de ensino não necessitam desenvolver, cada uma delas, seus materiais digitais para a publicação on-line, pois esses podem ser compartilhados. Cita o exemplo do tema Introdução à Trigonometria e comenta que inúmeras instituições de ensino abordam os conceitos de funções trigonométricas, como o de função de onda de um seno, conceituações que não diferem muito entre si. Nesse caso, não seria necessário que todas as instituições desenvolvessem conteúdos semelhantes, mas partilhassem os mesmos conteúdos. Se um material educacional está disponível na Internet, poderá ficar disponível para todo o mundo e poderá ser acessado e utilizado por muitas instituições de ensino. O autor ainda coloca que, adicionalmente a essa possibilidade, os materiais têm alto custo de produção, principalmente, por apresentarem imagens, animações e interatividade. Nesses casos, é importante ressaltar a necessidade do tratamento adequado de direitos autorais.

No entanto, o uso dos materiais por outra instituição ou outra realidade de curso requer a sua recontextualização. Segundo Prado (2003) a recontextualização deve ser entendida no sentido de contextualizar **o** novo e não **de** novo. Isto significa que a recontextualização de materiais de um curso por outra instituição deve ser feita de modo que possam assumir identidades próprias em cada curso.

Considerando tais aspectos, apresentamos a seguir a experiência vivenciada no Curso de Certificação em Educação Virtual - CEV desenvolvido pelo Senac-SP em que atuamos como coordenadora<sup>i</sup> e professoras-tutoras<sup>ii</sup> nas turmas de 2004 e 2005. Assim, com base nesta vivência, abordamos alguns elementos que constituíram a reconstrução do curso, preservando a essência da sua autoria e, ao mesmo tempo, atendendo as necessidades da nossa realidade cultural e social.

## **O curso Certificação em Educação Virtual**

O curso de Extensão Acadêmica Certificação em Educação Virtual, foi desenvolvido pela Universidade Simon Fraser (USF) do Canadá e a empresa TELESstraining, tendo a autoria do Prof. Dr. Lúcio Telles. A versão brasileira foi traduzida e localizada para a língua portuguesa pelo Senac-SP. O curso se constitui de uma programação totalmente on-line, para ser realizada em 24 semanas (6 meses), sendo que nos 3 (três) primeiros meses são trabalhados os 6 (seis) módulos de conteúdos e nos 3 (três) meses seguintes o desenvolvimento do projeto final de um curso em educação a distância e o trabalho de monografia com base no levantamento bibliográfico sobre um dos temas abordados. Perfazendo um total de 140 horas, o curso é destinado para educadores e profissionais interessados em atuar com educação a distância.

Cada módulo envolve atividades de: pesquisa na Internet; aplicação de conceitos; síntese de leituras; discussões com os colegas virtuais por meio do ambiente virtual de aprendizagem; etapas de design e desenvolvimento de um módulo de curso on-line. A segunda etapa, com a mesma duração, é voltada ao desenvolvimento de um módulo de curso on-line e um projeto teórico, um levantamento bibliográfico sobre um dos temas abordados.

O curso<sup>iii</sup> aborda diferentes tópicos conceituais - como as bases da aprendizagem em rede e princípios de planejamento educacional - e práticas - como a criação de um curso on-line. O modelo pedagógico adotado é baseado na combinação de atividades colaborativas, aprendizagem orientada pelo professor tutor e auto-aprendizagem. O tempo de dedicação esperada dos alunos é de aproximadamente 5 horas por semana nas atividades.

A proposta de avaliação é processual e por rubricas, de forma que os alunos possam acompanhar seu desempenho ao longo das atividades.

Entretanto, estas características, originais da tradução do CEV, foram revelando no momento em que se iniciou o curso com alunos, já na primeira turma, a necessidade de rever alguns aspectos relacionados à estrutura, aos materiais (textos de leitura e atividades) e avaliação dos alunos, para atender as especificidades culturais e contextuais da versão brasileira do curso. E sobre as implicações educacionais destes aspectos envolvidos no processo de recontextualização do curso que apresentamos a seguir.

### **Recontextualização**

Durante a fase de planejamento, a equipe de tutoria identificou algumas necessidades de adequação dos materiais e das estratégias para atender ao público brasileiro.

O primeiro aspecto identificado pela equipe foi a necessidade de acrescentar uma semana no início do curso para propiciar a ambientação dos participantes com o ambiente virtual e gerenciamento de aprendizagem. Esta ambientação envolveu preferencialmente 2 (dois) focos: atividades de navegação e exploração dos recursos do ambiente virtual e de socialização e interação entre os participantes, usando os recursos do ambiente. Por exemplo, o preenchimento do perfil pessoal, a apresentação em Fórum de suas experiências. Geralmente, durante a primeira semana são identificadas as possíveis dificuldades de acesso dos alunos ao ambiente virtual e as necessidades de suporte técnico ou orientações personalizadas. Esse período mostrou-se necessário, pois muitos participantes não possuem proximidade com o uso de microcomputadores e Internet.

Foram gradativamente incorporadas no curso, estratégias de aprendizagem que privilegiassem a participação dos alunos como tutores ou mediadores da aprendizagem, incentivando a participação dos mesmos na mediação de fóruns e Chats e, dessa forma, vivenciando o papel do tutor. Dessa forma, a cada sessão de Chat um grupo de alunos era convidado para colaborar com a mediação e elaborar sínteses, apresentando aos demais participantes. A estratégia de praticar a mediação foi utilizada também nos Fóruns, geralmente feita em dupla de alunos de um mesmo grupo de trabalho, a partir da identificação de um tema de interesse e relacionado ao conteúdo de seus projetos. Nesta atividade a dupla fazia a mediação no Fórum Especial, durante 1 ou 2 semanas, apresentando no final do período uma síntese do debate realizado entre os colegas da turma. Ao vivenciar esses papéis, os alunos passaram a refletir sobre as dinâmicas de mediação pedagógica nos ambientes virtuais utilizando essas ferramentas.

Em relação à avaliação, a ênfase continuou no processo, mas foi desativado o uso dos testes (QUIZ) ao final de cada módulo, uma vez que na primeira turma os alunos demonstraram desconfortáveis com esta forma de avaliação. Repensando sobre novas possibilidades de contemplar a avaliação processual e formativa, os critérios foram redefinidos da seguinte forma: qualidade da participação nas atividades propostas e em debates em Fóruns temáticos; elaboração do Projeto de um curso em EaD envolvendo, a documentação e apresentação da proposta e a implementação de um tópico/módulo do curso no ambiente virtual; elaboração do memorial reflexivo; auto-avaliação.

A proposta de avaliação foi redimensionada para dar espaço às estratégias de aprendizagem introduzidas ao longo do curso. Outro aspecto decorrente dessas alterações na estrutura do curso se deu em relação ao trabalho final do aluno. Na versão original, o aluno deveria apresentar 2 (dois) produtos: o Projeto de curso em EaD e a monografia com o levantamento bibliográfico. Com alteração feita na recontextualização do curso, os 2 (dois) produtos foram elaborados de forma integrada. Isto foi viável porque no período, destinado à produção do Projeto final, os alunos puderam trabalhar simultaneamente participando de atividades re-alimentadoras de reflexões envolvendo questões teóricas.

No entanto, ao longo desses dois anos, vivenciando o curso em diferentes turmas percebemos que a questão da avaliação no contexto de EaD precisa ser repensada. Ficou evidenciado, que existem para alguns, resistência quanto ao uso de testes, os quais são vistos como uma forma de avaliação tradicional e incoerente com a uma concepção de curso que prioriza a autoria e a autonomia da aprendizagem do aluno e, para outros, a falta de testes e de critérios quantitativos reflete uma situação incomoda e de insegurança sobre a sua performance no curso. Embora já existam estudos na área de avaliação do aluno em contextos de EaD, estas questões ainda instigam novos questionamentos e desafios no âmbito tecnológico e educacional.

Foi incorporado o uso da ferramenta “diário de bordo” objetivando registrar o percurso de aprendizagem dos alunos, bem como suas descobertas e reflexões. A ferramenta utilizada permitia que os alunos postassem seus registros de forma privada (para consulta e comentários pelo aluno e pelo tutor) ou pública (para consulta e comentários pelos demais alunos) possibilitando a troca entre os alunos.

Outra necessidade levantada diz respeito a ressignificação dos 3 (três) últimos meses do curso. Considerando a nossa cultura, no que diz respeito à facilidade de relacionamentos entre pessoas, seria inviável reservar este período para o aluno se dedicar à sua produção do trabalho final do curso. Analisando este aspecto, verificamos que este período, que envolveria o afastamento das interações na turma, poderia descentrar e/ou desmotivar os alunos na continuidade das atividades finais do curso relacionadas às suas produções. Assim, a solução encontrada para mantermos as interações neste período, realimentando o potencial reflexivo e de aprendizagem dos alunos foi a criação de atividades potencializadoras de novas vivências relacionadas aos objetivos gerais do curso:

Foram, então, promovidos sessões de Chats com especialistas de várias áreas de educação a distância e encontros virtuais síncronos voltados para a apresentação do planejamento e andamento dos projetos pelos grupos de alunos. Nesse contexto foi utilizada uma ferramenta de conferência pela Internet, mais interativa, que possibilitou a utilização de recursos de apresentações de conteúdos (PowerPoint, textos, animações) e também recursos para interações entre os participantes por meio de imagem, som, navegação na Internet, enquetes e áreas de colaboração. Durante as apresentações dos projetos, eram realizadas orientações pelos professores tutores e o debate entre os alunos. As sessões síncronas eram gravadas, permitindo que os alunos pudessem retomá-las sempre que necessário.

Essa estratégia, conceituada de videocolaboração, favoreceu atitudes de contribuições entre os participantes, apresentando resultados bastante produtivos na turma, principalmente pelo caráter inovador das interações, que integra simultaneamente os recursos de imagem, voz e texto. A apresentação dos projetos feita pelos alunos na turma provocou um acréscimo em termos de

aprendizagem e, conseqüentemente, no propósito desta atividade. Isto aconteceu pelo fato da apresentação feita verbalmente e com apoio visual de slides, exigir dos alunos a sistematização da própria produção do projeto. Além disso, esta atividade também propiciou aos alunos a receber diretamente, diferentes tipos de feedback (colegas e professores tutores), realimentando as reflexões e as possibilidades de depuração sobre suas produções.

## Potencialidades

Em uma situação de aprendizagem presencial, em sala de aula convencional, o papel do professor é o de mediador da aprendizagem do aluno. O docente, com sua intencionalidade pedagógica e, segundo suas concepções políticas e sócio-históricas e o planejamento curricular, utiliza os recursos materiais de acordo com as atividades planejadas. Cabe aos docentes a seleção, o planejamento, a articulação de recursos para mediação da aprendizagem, e eles assim o fazem. Um livro, por exemplo, pode ser utilizado por professores diferentes em diversas situações de aprendizagem, dependendo do contexto onde está inserido, os professores geralmente contextualizam, interpretam e reorganizam, criativamente, seus recursos.

Na situação de aprendizagem on-line, por analogia, o papel do professor também é o de mediador da aprendizagem, porém, diferentemente da utilização de um livro didático, um curso geralmente apresenta a concepção pedagógica, metodologia, dinâmica e estratégias de aprendizagem previamente construídas por uma equipe de profissionais. Como o professor se apropria desses materiais instrucionais?

A partir dessa experiência, foram levantados alguns indicadores que permitem analisar que o intercâmbio de materiais instrucionais entre instituições de diferentes países como o curso Certificação em Educação Virtual se mostrou positiva, contribuindo, por um lado para a troca de informações, idéias e conhecimentos entre diferentes culturas e, por outro lado, mostrou-se enriquecedora para a equipe pedagógica apontando diferentes rumos para o planejamento de materiais instrucionais. É importante pontuar que, a partir dessa experiência, foram desenvolvidas novas estratégias de autoria de cursos buscando a criação de “núcleos” de conteúdos e estratégias de aprendizagem referenciais que possam ser combinados e recombinados de diferentes maneiras pelos professores que irão participar da mediação pedagógica, (objetos de conteúdos e objetos didáticos) promovendo espaços para que os mesmos possam incluir ou recontextualizar materiais, atividades, agendas e o roteiro do curso.

Conseqüentemente tais alterações provocaram novas demandas, como a inclusão de outras indicações de leituras e dinâmicas de atividades para que o processo de recontextualização, ao mesmo tempo, que possa atender as

necessidades específicas nas turmas, possa atentar para não descaracterizar os propósitos gerais da concepção e a autoria do curso.

Do ponto de vista dos autores do curso, é necessário ter abertura para permitir que a parceria entre aqueles que dão vida a sua obra possam assumir também o papel do co-autor da sua obra. E do ponto de vista dos protagonistas da ação, enquanto coordenadores e professores tutores, o comprometimento com os propósitos da autoria do curso para analisar as implicações decorrentes dos aspectos ressignificados no momento da recontextualização do curso.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Fernando J. Notas de aula da disciplina do curso de pós-graduação em Educação: Currículo da PUC SP. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem colaborativa: o professor e o aluno ressignificados. In: ALMEIDA, Fernando (organizador). *Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem*. MCT/PUC SP São Paulo. 2001.

ALMEIDA, Maria Elisabeth B. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: ALMEIDA, Fernando (organizador). *Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem*. MCT/PUC SP São Paulo. 2001.

CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação, Vol.1 - A Sociedade em Rede*, São Paulo, Paz e Terra, 1999.

DOWNES, Stephen. *Learning objects: resources for distance education worldwide*. International Review of Research in Open and Distance Learning: 2, 1 (2001). Disponível em: <http://www.irrodl.org/content/v2.1/downes.html>. Acesso em 23/01/2004.

LEVINE, Arthur. Higher Education: a revolution externally, evolution internally. In: PITTINSKI, Methew Serbin. *The wired tower: perspectives on the impact of the Internet on higher education*. New Jersey: Pearson Education. Prentice Hall. 2003.

PRADO, M.E.B.B. Educação a Distância e Formação de Professores Redimensionando Concepções de Aprendizagem. *Tese de Doutorado*. Programa de pós-graduação em Educação: Currículo. Pontifícia Católica de São Paulo. 2003.

---

<sup>i</sup> A coordenação das várias turmas deste Curso foi feita pela Profa. Dra. Maria da Graça Moreira da Silva e supervisão do autor Prof. Dr. Lúcio Telles.

<sup>ii</sup> Profa. Dra. Maria Elisabete B.B. Prado, Profa. Mestranda Mariza Mendes e Prof. Mestrando José Carlos Tuon, atuaram nas diversas turmas do Curso como professores-tutores. A Teresa Cristina Jordão atuou também como tutora na primeira turma do curso, uma vez que ofereceu contribuições importantes pelo fato de já ter vivenciado as atividades do curso na sua versão original inglês como aluna.

<sup>iii</sup> O curso esta sendo oferecido desde 2004, usando o ambiente virtual WebCT em 4 turmas e, atualmente, na quinta turma, a quinta versão do curso utiliza o ambiente Blackboard. Participam da turma 2 (dois) professores tutores e em média 30 (trinta) alunos, tendo ainda o suporte administrativo e técnico.